

## **Origens étnicas dos dirigentes das empresas paulistas comparada com a dos empresários**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Este artigo constitui o Capítulo 3 da tese de doutorado, *Mobilidade e Carreira dos Dirigentes das Empresas Paulistas* (1972) publicada como o título, *Empresários e Administradores no Brasil* (São Paulo: Brasiliense, 1974).

A determinação das origens étnicas dos dirigentes das empresas paulistas apresenta um interesse direto, na medida em que nos permite conhecer melhor esses dirigentes. Para termos um quadro mais completo da figura dos administradores de cúpula que dirigem as empresas da Grande São Paulo deveremos saber não só qual a sua nacionalidade, mas também qual a nacionalidade, ou mais precisamente, qual a naturalidade dos seus pais e avós. O termo naturalidade é mais adequado porque não estávamos interessados em saber se dirigente nascido no exterior e naturalizado brasileiro ou não. Importava-nos determinar onde nascera o dirigente, seus pais e avós: se no Brasil, na Itália, em Portugal ou em qualquer outro país.

Um levantamento das origens étnicas dos dirigentes das empresas paulistas revestir-se-á de especial significação, na medida em que atribuímos a esses dirigentes um papel importante no processo de desenvolvimento econômico do país. Foi especialmente em vista disto que realizamos anteriormente uma pesquisa sobre as origens étnicas e sociais dos empresários paulistas, cujos resultados mais importantes já publicamos.<sup>1</sup>

Embora semelhantes, o universo e os objetivos daquela pesquisa eram bastante diversos dos desta. Naquela pesquisa estávamos unicamente interessados em empresários, que é um tipo especial de dirigente. Definimos empresários como sendo aqueles que fundaram e/ou desenvolveram decisivamente a empresa, de forma que todo empresário é um dirigente de

---

<sup>1</sup> L.C. Bresser-Pereira, “Origens Étnicas e Sociais dos Empresários Paulistas”, em *Revista de Administração de Empresas* (RAE), vol. 4 (11) junho de 1964 : 83-106. O relatório geral sobre essa pesquisa ainda não foi publicado.

empresas, mas nem todo dirigente ou diretor ativo de empresas é um empresário. Além disso, aquela pesquisa tinha, até um certo ponto, um caráter histórico. Estávamos interessados em levantar dados sobre os homens que, nas empresas, iniciaram a Revolução Industrial Brasileira. Nesses termos, embora esse processo de radicais transformações econômicas e sociais por que passou o Brasil a partir de 1930 seja ainda um fenômeno recente, vários dos empresários sobre os quais levantamos dados estavam mortos ou aposentados. Finalmente, naquela pesquisa só nos pareceu relevante levantar dados sobre os empresários de empresas nacionais.

Ao realizarmos aquela pesquisa restringimos nosso universo apenas aos empresários, entendido este termo em sua acepção schumpeteriana, devido ao grande papel —que estes desempenham no processo de desenvolvimento econômico do país, especialmente na fase de arranque desse desenvolvimento. Dados sobre suas origens étnicas e sociais, sobre países e classes sociais de origem, constituir-se-iam em elementos importantes na determinação das condições necessárias para o surgimento de um grupo de empresários industriais em um país. Poderiam daí resultar inclusive diretrizes de política econômica relativas à promoção do desenvolvimento econômico.

Já nessa segunda pesquisa incluímos em nosso universo todos os diretores ativos de empresas, fossem eles empresários ou apenas administradores de cúpula. Fizemos isto porque, neste caso, estávamos mais interessados na influência do desenvolvimento econômico sobre as empresas e seus dirigentes, sobre o processo de burocratização das empresas e a de profissionalização de seus administradores. Nesta pesquisa procuramos ver os dirigentes como resultado do desenvolvimento industrial, enquanto que naquela examinamos os empresários como causa do desenvolvimento.

Depois da primeira arrancada em direção ao desenvolvimento, cuja direção, em um país capitalista, caberá a empresários schumpeterianos, a continuação desse desenvolvimento e sua consolidação caberão aos dirigentes de empresas em geral. Muitos destes ainda serão os próprios empresários, já que a Revolução Industrial Brasileira teve início muito recentemente. Mas já começaram a surgir entre eles os administradores profissionais, como vimos no capítulo anterior.

Neste caso a determinação das origens étnicas dos dirigentes das empresas, e não mais apenas dos empresários, poderá ainda ter interesse na medida em que nos ajudar a compreender de onde e sob que condições surge um grupo de dirigentes de empresas em

um país capitalista. Mas seu interesse principal estará em nos dar uma informação precisa sobre a constituição do grupo dirigente das empresas paulistas, cuja importância política, econômica e social não necessita ser salientada.

Na determinação das origens étnicas dos dirigentes das empresas paulistas adotamos um critério patriarcal. Admitimos que esse critério é arbitrário. Justifica-se até um certo ponto na medida em que na sociedade brasileira e de um modo geral nas sociedades modernas o homem tem posição social superior a mulher inclusive do ponto de vista jurídico e religioso. A razão principal pela qual adotamos um critério patriarcal, todavia, foi de ordem prática. Se não adotássemos um critério patriarcal (ou matriarcal) poderíamos ter casos em que a origem étnica do dirigente ficaria indefinida. Um diretor poderia ter os avós paternos italianos e avós maternos brasileiros. Qual seria sua origem étnica nesse caso ?

Na determinação da origem étnica, da mesma forma que havíamos feito em nossa pesquisa anterior sobre as origens dos empresários, decidimos buscar as origens étnicas apenas até a terceira geração. Esta decisão também é arbitrária. O fato, todavia, é que necessitávamos colocar a linha divisória em algum ponto. Caso contrário, todos os dirigentes teriam origem estrangeira a não ser que, eventualmente, encontrássemos algum cuja origem fosse tupi guarani... Pareceu-nos, assim, que seria razoável pesquisar até as avós dos dirigentes. Aqueles que tivessem a avô paterno estrangeiro ainda seriam considerados de origem estrangeira, as demais seriam considerados brasileiros.

### **Origens Étnicas e Nacionalidade da População**

Apresentamos as dados relativos à origem étnica dos dirigentes, definida essa origem pela naturalidade dos seus avós paternos, no Quadro I. Nesse quadro e em dois quadros seguintes, em que temos o país de nascimento dos pais e dos próprios diretores, colocamos também dados relativos a nacionalidade da população do Estado de São Paulo respectivamente em 1920, 1940 e 1955. Tomamos os dados relativos a 1920 para comparar com a origem étnica dos diretores, pois nessa data seus avós deviam estar em sua grande maioria vivos. Para 1920 infelizmente não conseguimos os dados relativos ao país de nascimento da população de São Paulo. Tivemos que nos contentar com o fato de serem brasileiros ou estrangeiros. Pelo mesmo motivo acima apresentado colocamos os dados referentes à nacionalidade da população em 1940 no quadro relativo ao país de nascimento dos pais dos diretores. Usamos dados relativos a 1955 para comparar com o

país de nascimento dos próprios diretores. Cumpre observar que teria sido mais precisa nossa comparação se usássemos dados relativos apenas aos municípios que pertencem ao Grande São Paulo. Não dispúnhamos, porém, desses dados. Por outro lado, acreditamos que a distorção introduzida com esta falha não alterará de forma significativa as conclusões que poderemos tirar. Da mesma forma, em relação aos dados referentes aos estrangeiros em 1955 cumpre observar que este levantamento foi realizado com base no número de estrangeiros registrados, não sendo resultado portanto de um censo. Assim, os estrangeiros que por alguma razão não tenham se registrado, escaparam ao levantamento. Os erros, porém, são provavelmente desprezíveis.

Segundo os dados do Quadro I apenas 20% dos diretores das empresas paulistas são de origem brasileira, ou seja, são brasileiros de pelo menos terceira geração. Essa porcentagem de 20% para os diretores de origem brasileira, e a correspondente porcentagem de 80% para os diretores de origem estrangeira apresentam-se em relação praticamente inversa à verificada no total da população de São Paulo em 1920. Nesse ano, conforme vemos pelo Quadro II 81,8% da população do Estado era constituída de brasileiros contra apenas 18,2% de estrangeiros.

A discrepância entre a origem étnica dos diretores e a nacionalidade da população é extraordinariamente grande. 80% dos diretores são originários de aproximadamente 18% de estrangeiros. Em contrapartida, apenas 20% dos diretores tem origem entre os 80% da população existente em São Paulo em 1920. Evidentemente, a escolha desta data, 1920, como termo de comparação, nos fornece apenas uma aproximação. Nesse ano, a grande maioria dos avós dos atuais diretores devia estar viva. Entretanto, muitos desses avós estavam ainda na Itália, na Alemanha, em Portugal, ou em qualquer outro país estrangeiro, de forma que a comparação não é absolutamente precisa. Certamente, porém, é uma comparação conservadora. Depois de 1920 a porcentagem da população constituída de estrangeiros diminuiu. Estamos, portanto, tomando um ano em que a porcentagem de estrangeiros na população era muito grande, e mesmo assim essa porcentagem é irrisória quando comparada com a porcentagem de diretores de origem estrangeira.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Em 1890 e 1900 os estrangeiros constituíam, respectivamente, 23,8% e 30,4% da população do Estado. Se usarmos qualquer dessas porcentagens o panorama não mudará significativamente. Cf. Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí, *Desenvolvimento de São Paulo: Imigração Nacional e Estrangeira*, 1964: 15

**Quadro 1 - origem étnica dos diretores  
(País de nascimento do avô paterno do diretor)**

País de origem	Diretores em empresas									
	Mais de 500 empregados		De 250 a 500 empregados		Nacionais		Estrangeiras		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Brasil	10	20,0	6	20,0	12	19,7	4	21,5	16	20,0
Itália	16	32,0	9	30,0	22	36,1	3	15,8	25	31,2
Alemanha	3	6,0	3	10,0	3	4,9	3	15,8	6	7,5
Portugal	5	10,0	3	10,0	6	9,8	2	10,5	8	10,0
Estados Unidos	3	6,0	-	-	-	-	3	15,8	3	3,8
Espanha	2	4,0	1	3,3	3	4,9	-	-	3	3,8
Líbano	1	2,0	3	10,0	4	6,5	-	-	4	5,0
Áustria	-	-	4	13,3	4	6,5	-	-	4	5,0
Outros países	10	20,0	12	3,3	7	11,5	4	21,0	11	13,7
Total	50	100,0	30	99,9	61	99,9	19	99,9	80	100,0

**Quadro II – Nacionalidade da população em 1920 e origem étnica**

País de Origem	Nacionalidade da população - Estado de S.Paulo em 1920*		Origem Étnica	
	Nº	%	Nº	%
Brasil	3.758.479	81,8	16	20,0
Itália	833.709	18,2	25	31,2
Alemanha			6	7,5
Portugal			8	10,0
Estados Unidos			3	3,8
Espanha			3	3,8
Líbano			4	5,0
Áustria			4	5,0
Outros Países			11	13,7
Total	4.592.188	100	80	100

(\*) Fonte: *Recenseamento do Brasil, 1920*, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, Diretoria Geral de Estatísticas. vol. IV, Tomo I, pg.23.

Em uma pesquisa mais geral sobre mobilidade social e trabalho na cidade de São Paulo, em que não se tomou como universo apenas os dirigentes de empresa, verificou-se que “oportunidades oferecidas pela fase atual de desenvolvimento econômico em São Paulo são melhor aproveitadas pelo imigrante e por seu filho do que pelo brasileiro.”<sup>3</sup> Os

<sup>3</sup> Bertram Hutchinson, “Movilidad y Trabajo”, em *La Industrialización en América Latina*, editado por Joseph A. Kahl, Fondo de Cultura Económica, 1965, México, pg.330. A pesquisa foi realizada por Bertram Hutchinson, Carolina Martuscelli Bori, Juarez Brandão Lopes e Carlo Castaldi, que publicara *Mobilidade e Trabalho: um Estudo da Cidade de São Paulo*, Centro Brasileiro de Estudos Educacionais, 1960, Rio de Janeiro.

resultados por nós obtidos em relação aos dirigentes de empresa confirmam, assim, os resultados dessa pesquisa realizada anteriormente. A mobilidade ascendente das pessoas de origem estrangeira tende a ser maior, em São Paulo, do que a das de origem brasileira.

### **Falta de atração pelos negócios**

Essa discrepância gritante, esta divergência entre os brasileiros e as atividades administrativas tem provavelmente duas causas principais: a falta de atração exercida pelas carreiras no mundo dos negócios para as jovens originários de famílias brasileiras, e a falta de capacidade técnica dos mesmos.

A falta de atração pelas atividades empresariais deve ser entendida não em termos absolutos, mas quando se compara com a motivação dos imigrantes. Estes, ao chegarem ao Brasil, viam suas possibilidades de ascensão social cortadas. A aristocracia agrário-comercial brasileira e a classe média tradicional fechavam as portas da mobilidade social para cima dos imigrantes, caso estes quisessem trilhar os caminhos tradicionais de acesso. Eram eles chamados depreciativamente de “italianinhos”, ou de “turcos” (quando, na verdade, não descendiam da Turquia, mas do Líbano, da Síria ou da Armênia, e sofriam uma clara discriminação social. Nesses termos eles verificaram que a única maneira de subir socialmente seria a de obterem êxito em setores não tradicionais, e portanto, não dominados pelas classes tradicionais. Dirigiam-se, assim, para os negócios, onde, a partir especialmente de 1930, abriram-se oportunidades econômicas extraordinárias. Enquanto isso, os descendentes das famílias brasileiras tradicionais continuavam a trilhar os caminhos tradicionais, onde continuavam a ter oportunidade de ascensão social. Dedicavam-se, assim, a administrar as fazendas de seus pais, no caso da aristocracia latifundiária, ou então a dedicar-se as profissões liberais, ao funcionalismo público e a carreira militar, no caso da classe média. Como a oportunidade no mundo dos negócios nos últimos 30 ou 40 anos, era muito maior do que a oportunidade oferecida pelas profissões tradicionais, os imigrantes e seus filhos e netos que foram bem sucedidos tiveram uma rápida ascensão social, conseguindo, inclusive, um lugar tranqüilo dentro da classe alta brasileira.

É preciso inclusive salientar que esta falta de atração que os filhos das famílias tradicionais brasileiras sentiam pelas carreiras na indústria estava ligada ao desprestígio que envolvia esta atividade. Socialmente era muito mais significativo ser advogado, médico, juiz, político, do que ser um industrial. Foi só com o desenvolvimento da

indústria, foi só depois de haver ocorrido no Brasil a sua Revolução Industrial que esta situação mudou, obtendo as carreiras empresariais e administrativas prestígio. Inicialmente, apenas os próprios empresários capitalistas passaram a ser reconhecidos socialmente. Nos últimos anos, todavia, com o crescimento das empresas e o processo de burocratização por que passaram, o qual analisamos no primeiro capítulo, também os administradores profissionais de capitalistas passaram a ser reconhecidos socialmente.

Entretanto, cabe salientar que ainda hoje, depois de todo o desenvolvimento industrial por que passou o Brasil e particularmente São Paulo, as carreiras administrativas continuam a atrair mais os descendentes de famílias estrangeiras do que os descendentes de famílias brasileiras, conforme podemos observar pelo Quadro II. Tomando, simplesmente, o último sobrenome dos alunos matriculados em 1966 no primeiro ano da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas, e da tradicional Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, determinamos em uma e outra escola qual a porcentagem de descendentes de estrangeiros e de brasileiros. /este método de determinação da origem não é tão preciso quanto o que usamos em nossa pesquisa básica, já que alguns nomes permitem duas interpretações. Além disso, os descendentes recentes de portugueses são somados aos descendentes de brasileiros. Finalmente, por este método, as pessoas de origem estrangeira há mais de três gerações continuam a ser consideradas estrangeiras. Mas, de um modo geral, obtemos uma aproximação perfeitamente aceitável. Verificamos, então pelo Quadro III a clara preferência dos estudantes de origem brasileira por uma escola e uma carreira tradicional, como é o Direito, em comparação com a Administração de Empresas. Em 1966, 57,3% dos primeiro-graduados da Faculdade de Direito são de origem brasileira contra apenas 43% entre os primeiro-graduados da Escola de Administração de Empresas. Repetimos este levantamento com os aprovados no vestibular destas duas escolas superiores no primeiro semestre de 1972. Os resultados foram confirmados, inclusive com uma tendência a acentuar-se a preferência dos jovens de origem brasileira por uma profissão liberal tradicional como o Direito, enquanto que os de origem estrangeira preferiam a Administração de Empresas ou a Administração Pública (52 dos 220 aprovados foram admitidos para Administração Pública em 1972). Neste segundo levantamento, a porcentagem de alunos de origem brasileira tinha aumentado para 62,7% na Faculdade de Direito, enquanto tinha diminuído para 37,3% na Escola de Administração de Empresas. Se tomarmos apenas os aprovados para o curso de Administração de Empresas, temos que

os de origem brasileira apareciam ainda em menor proporção. Apenas 32,5% dos alunos tinham origem brasileira contra 46,2% entre os alunos aprovados para Administração Pública.

**Quadro III – Origem étnica de estudantes paulistas**

Escolas	Administração de Empresas				Direito			
	1966		1972		1966		1972	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Brasileira	86	43,0	82	37,3	284	57,3	360	65,1
Estrangeira	114	57,0	138	62,7	212	42,7	193	34,9
Total	200	100,0	220	100,0	496	100,0	553	100,0

Além da falta de atração pelas carreiras no mundo dos negócios uma segunda razão pela qual os descendentes de famílias brasileiras comparecem em pequena porcentagem em nossa amostra de diretores está em sua falta de capacidade técnica. Muitos dos imigrantes, especialmente alemães, e parte dos italianos já vinham de seus países com conhecimentos técnicos industriais. Os de origem sírio-libanesa vinham de países com uma longa tradição comercial. Enquanto isso, no Brasil, não tínhamos qualquer tradição seja comercial, seja industrial. Além disso, o próprio nível cultural dos imigrantes estrangeiros era provavelmente um pouco superior ao da média dos brasileiros. Por que é preciso lembrar que na população brasileira, os membros da aristocracia e da classe média tradicional constituíam uma ínfima minoria. Tínhamos, além disso, a classe baixa, constituída em sua grande maioria de analfabetos ou semi-analfabetos. Por outro lado, não devemos esquecer que nos 80% de diretores de origem estrangeira estão incluídos inclusive os diretores das empresas estrangeiras.

O despreparo técnico e cultural dos brasileiros em relação aos estrangeiros é portanto também uma causa, embora provavelmente de importância um pouco menor do que a anterior, para esta preponderância de diretores de origem estrangeira. É preciso, todavia, que fique claro que não pretendemos em hipótese alguma sugerir com isto que esta falta de capacidade técnica dos brasileiros seja algo constitutiva, seja algo que faz parte da própria etnia brasileira. Este é um absurdo sem nome. Está na mesma linha de afirmação insustentável de que os anglo-saxões são mais dotados para as atividades comerciais e industriais do que os latinos. Estamos apenas afirmando que as populações dos países industrialmente mais avançados tenderão a ter uma vantagem de ordem técnica sobre as

dos países agrícolas.No momento em que os avós dos nossos diretores estavam vivos o Brasil era um país decididamente agrícola, sem nenhuma tradição industrial, de forma que é natural que o preparo técnico dos imigrantes originários de países mais industrializados fosse maior.

Alias, continuando a examinar o Quadro I vemos que os diretores de origem latina constituem claramente a maioria. Temos 20% de origem brasileira, 31,2% de origem italiana, 10% de origem portuguesa, 3,8% de origem espanhola, totalizando, portanto, 64% de diretores de origem latina.

Outro fato digno de ser observado no Quadro I é a pequena variação causada pelo fato de a empresa ser nacional ou estrangeira. Seria de se esperar que nas empresas estrangeiras fôssemos encontrar um número muito maior de diretores de origem estrangeira. Não foi, todavia, o que aconteceu. Até pelo contrário. Embora a diferença não seja significativa, verificou-se que nas empresas nacionais 19,7% dos diretores eram de origem brasileira, contra 21% nas empresas estrangeiras. Em relação aos outros países, todavia, particularmente em relação aos de origem alemã (4,9% nas empresas nacionais contra 15,8% nas estrangeiras), italiana (36,1% contra 15,8% nas estrangeiras)e norte-americanas (zero contra 15,8%), as diferenças são acentuadas. Enquanto que os descendentes de brasileiros dirigem-se indiferentemente para empresas estrangeiras ou brasileiras, os de origem italiana parecem ter uma preferência nítida pelas empresas brasileiras (a maioria das quais eles fundaram) , enquanto que os alemães e naturalmente os norte-americanos tendem a dirigir-se para as empresas estrangeiras. As diferenças relativas ao tamanho das empresas não são significativas.

### **Origens Étnicas de Diretores e Empresários**

Podemos também comparar as origens dos nossos dirigentes de empresas com as origens dos empresários da pesquisa anterior que realizamos. Devemos usar, para os dirigentes, os dados relativos apenas as empresas nacionais, porque naquela primeira pesquisa, trabalhamos com um universo exclusivamente de empresas nacionais. Apesar das diferenças na definição do universo que já relatamos (naquela pesquisa estudamos apenas os empresários, nesta os dirigentes de empresa, que incluem também administradores profissionais; naquela pesquisa estávamos interessados em empresas industriais a partir de 100 empregados, nesta levantamos nosso limite mínimo para 250 empregados; finalmente, nossa definição de Grande São Paulo foi um pouco mais extensa

nesta segunda pesquisa) e apesar da amostra maior com que trabalhamos na primeira pesquisa (204 empresários, garantindo um nível de segurança de 95% com margem de erro de no máximo 5%), obtivemos resultados muito semelhantes nas duas pesquisas, conforme podemos observar pelo Quadro IV. Temos, principalmente em relação aos quatro primeiros países de origem de dirigentes - Itália, Brasil, Portugal e Líbano - uma extraordinária semelhança.

**Quadro IV – Origens étnicas de diretores e empresários**

País de origem	Dirigentes		Empresários <sup>4</sup>		Banqueiros <sup>5</sup>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Brasil	12	19,1	32	15,7	61	62,0
Itália	22	36,1	71	34,8	} 37	} 38,0
Portugal	6	9,8	24	11,7		
Líbano	4	6,5	13	6,4		
Áustria	4	6,5	5	2,5		
Alemanha	3	4,9	21	10,3		
Espanha	3	4,9	3	1,5		
Outros países	7	11,5	35	17,1		
Total	61	99,9	204	100,0	98	100,0

Esta semelhança pode ser explicada por duas razões, além do fator coincidência, que provavelmente teve também alguma influencia. Em primeiro lugar, apesar das diferenças, há uma evidente superposição de universos. Parte considerável dos dirigentes são também de fundadores ou herdeiros dos fundadores.

Nesta pesquisa pudemos classificar os dirigentes das empresas nacionais paulistas em duas categorias: diretores profissionais (34,4%) e não profissionais (59,0%), não tendo sido possível classificar 6,6%. Os não profissionais, por sua vez, puderam ser classificados em empresários ou fundadores (16,4%), dirigentes herdeiros (36,0%) e dirigentes amigos (6,6%). Os empresários e seus herdeiros, porém, tem evidentemente, origens étnicas muito semelhantes. Há apenas a defasagem de uma geração, defasagem esta que provavelmente não influenciou os resultados. Em segundo lugar, também pudemos verificar que as origens étnicas dos diretores profissionais e dos não profissionais são

<sup>4</sup> L. C. Bresser-Pereira, op.cit., pg. 95.

<sup>5</sup> Carlos Hasenbalg e Clóvis Brigão, “Formação do Empresário Financeiro no Brasil”, Revista *Dados*, n. 8, 1971, Rio de Janeiro, pg. 93.

bastante semelhantes. Nestes termos, as variações causadas pela existência de diretores profissionais na amostra não são grandes. Se as eliminarmos, porém, e considerarmos apenas os diretores não profissionais, os resultados ainda são mais semelhantes aos da primeira pesquisa sobre origem dos empresários. Tomando-se apenas diretores não profissionais temos que 30% dos diretores tinham origem na Itália, 12,5% no Brasil, 15% em Portugal, 10% no Líbano e 10% na Alemanha.

Esta semelhança permite-nos ainda um outro tipo de inferência. Sugere que, apesar dos problemas que enfrentamos em nosso processo de amostragem quando realizamos esta pesquisa, e que relatamos na introdução desse trabalho, obtivemos uma amostra bastante representativa. Na primeira pesquisa pudemos levantar uma amostra maior, alcançamos um nível de segurança de 95%, tivemos muito poucas recusas e substituições, não tivemos o problema de definir a amostra em dois estágios. Pude mos, portanto, pretender precisão estatística para aquela pesquisa. A semelhança de resultados agora verificada é um indício de que a presente pesquisa é também representativa do universo que pretende representar.

É preciso observar, todavia, que nossa amostra limita-se, estritamente, aos dirigentes industriais. É nesta área industrial que as origens étnicas dos diretores e dos empresários paulistas é muito semelhante. A semelhança se mantém, tomando-se um universo um pouco diferente. Fernando Henrique Cardoso, em pesquisa realizada em 1965 e 1966, através do ILPES, com uma amostra de 50 empresas grandes e 50 empresas médias, em São Paulo e no Rio de Janeiro<sup>6</sup>, verificou que 73% dos avós dos empresários eram estrangeiros. O domínio dos empresários de origem estrangeira é novamente absoluto. A menor incidência de empresários de origem estrangeira deve-se, provavelmente, a inclusão dos empresários do Rio de Janeiro.

Entretanto, se tomarmos um outro grupo de empresários – os banqueiros – os resultados serão muito diversos. Carlos Hasenbalg e Clóvis Brigão realizaram em 1968 e 1969 uma pesquisa sobre a formação do empresário financeiro no Brasil. Foram entrevistados 98

---

<sup>6</sup> Cf. Fernando Henrique Cardoso, *Política e Desenvolvimento em Sociedades Dependentes*, Zahar Editores, 1971, Rio de Janeiro. Resultados desta pesquisa, cuja direção geral coube a F.H. Cardoso, foram também publicados e analisados por Luciano Martins, *Industrialização, Burguesia Nacional e Desenvolvimento*, Editora Saga, 1968, Rio de Janeiro. Luciano Martins dirigiu a pesquisa no Brasil, tendo a mesma pesquisa sido realizada na Argentina, sob a direção de Juan Carlos Mann. A nacionalidade dos avós dos empresários, entretanto, não foi publicada em nenhum desses trabalhos. Foi fornecida por F.H. Cardoso a Carlos Hasenbalg e Clóvis Brigão, ver nota seguinte.

banqueiros pertencentes a 44 dos 60 maiores bancos nacionais. Verificou-se então que apenas 38% dos banqueiros tinham avós estrangeiros.<sup>7</sup>

Estes dados sugerem que a concentração de empresários e dirigentes de empresa com origem estrangeira ocorre principalmente em São Paulo e no setor industrial. Quando o âmbito geográfico da amostra se amplia reduz-se um pouco a participação dos empresários com origem estrangeira. Quando tomamos dirigentes do setor bancário, os resultados são totalmente diversos, com uma clara maioria de banqueiros com origem brasileira.

A explicação destas variações é mais ou menos óbvia. São Paulo, além de foco do desenvolvimento industrial, é a centre de todo o processo imigratório brasileiro. Não é surpreendente, portanto, que os empresários e dirigentes de origem estrangeira se concentrem principalmente nessa área.

Quanto à variação entre banqueiros e industriais, a explicação é de natureza diversa. O sistema bancário nacional estabeleceu-se no Brasil bem antes do sistema industrial. Em nossa primeira pesquisa sobre as origens étnicas dos empresários paulistas, verificamos que 67% das empresas industriais com mais de 100 empregados haviam sido fundadas depois de 1930. Já para os bancos esta porcentagem cai para 59%. Em outras palavras, os principais bancos brasileiros foram fundados antes de ter início o processo de industrialização brasileira. A base econômica dos principais bancos brasileiros era a agricultura e o comércio de exportação e importação desenvolvida em torno e em função da produção de café. Todas as bases do sistema bancário brasileiro foram estabelecidas entre, aproximadamente, 1850 e 1930, ou seja, no período do auge do café. Esse período caracterizou-se, no plano econômico, por um modelo de desenvolvimento primário-exportador, todo voltado para fora, para a exportação de produtos primários e a importação de manufaturados, e no plano político, pelo domínio de uma oligarquia agrário-comercial beneficiária desse modelo econômico, e desinteressada senão contrária à industrialização. O sistema bancário foi produto desse modelo de desenvolvimento. A oligarquia agrário-comercial combinava uma visão aristocrática e tradicional do mundo com uma mentalidade

---

<sup>7</sup> Carlos Hasenbalg e Clóvis Brigão, *Formação do Empresário Financeiro no Brasil*, op.cit., pg.80 e 93. Nesta pesquisa não foi feita uma distinção entre empresário e dirigente. O universo era constituído de diretores de bancos, fossem eles empresários no sentido schumpeteriano ou não. Em outras palavras, o termo empresário é ali usado como sinônimo de dirigente ou diretor, que estamos usando nesta pesquisa. Reservamos o termo empresário apenas para aqueles que fundaram ou desenvolveram decisivamente a empresa na qualidade de seu dirigente máximo.

capitalista muito próxima do mercantilismo,, voltada para a produção agrícola e a obtenção de grandes lucros no comércio de exportação e importação. Para desempenhar suas funções econômicas, necessitava de um sistema bancário. É natural que o mesmo fosse estabelecido a base de empresários de origem brasileira, relacionados de alguma forma com a oligarquia agrário-comercial que dominou o Brasil até 1930.

Já o caso dos empresários e dirigentes industriais é muito diverso. A oligarquia agrário-comercial, aliada politicamente ao capitalismo internacional não estava interessada em industrializar o país. Sua posição de domínio baseada na agricultura e no comércio era tranqüila. Seus lucros com o café eram enormes. A industrialização implicaria em elevação de tarifas alfandegárias, aumento dos preços dos bens de consumo importados, reorganização de todo o comércio de importação e exportação, - disputa de mão-de-obra agrícola, desvio de estímulos governamentais para a indústria. Nenhum desses resultados interessava a oligarquia agrário-comercial.

Por estas razões, esse grupo sempre se opôs a industrialização do país durante o império e a primeira República. A industrialização era considerada artificial e desnecessária. Qualquer protecionismo industrial era condenado em nome do liberalismo econômico. O Brasil era um país essencialmente agrícola, sem vocação nem possibilidades industriais.

Quando todo o sistema capitalista internacional entrou em crise, com a grande depressão dos anos trinta, conjuntamente com o modelo primário-exportador, que não era outra coisa senão a expressão do capitalismo internacional nos países subdesenvolvidos, entrou também em crise a oligarquia agrário-comercial brasileira. Surgiu uma oportunidade de industrialização, na medida em que o capitalismo internacional entrava em crise. Esta oportunidade foi aproveitada no Brasil. Não é de se estranhar, porém, que não a tenha sido por empresários de origem brasileira. A velha oligarquia agrário-comercial não só estava nesse momento em crise, como também sempre se opusera a industrialização. Além disso, não dispunha de conhecimentos técnicos. Coube assim aos imigrantes, aos empresários de origem estrangeira, comandar o processo de industrialização brasileiro.

Isto ficou demonstrado em nossa pesquisa anterior, exclusivamente sobre os empresários. Foi confirmado agora com a pesquisa com os dirigentes. Muitos deles são empresários ou seus filhos. E os próprios administradores profissionais que também se encontram entre os dirigentes tendem a ter prevalentemente origem estrangeira.

Voltaremos a este problema quando examinarmos as origens sociais dos dirigentes. Verificaremos que se confirma a desvinculação da oligarquia agrário-comercial, marcada por aspirações sociais aristocráticas, com o desenvolvimento da indústria em São Paulo.

### **Origens dos Pais dos Diretores**

Embora menos significativas do que as constantes do Quadro I, as informações do Quadro IV são também muito esclarecedoras quanto as origens étnicas dos diretores das empresas paulistas. A porcentagem de diretores com pais brasileiros (38,8%) é quase duas vezes maior do que a de diretores com avós paternos brasileiros. Esta diminuição de participação dos estrangeiros à medida que passamos da naturalidade dos avós para a dos pais dos diretores (e que continuara a ocorrer quando passarmos para o país de nascimento dos próprios diretores) deve-se ao fato de que a imigração começou no Brasil no século passado e teve seu auge em fins do século passado e começo deste século. Tomando-se períodos de 25 anos, temos que entraram no Estado de São Paulo o seguinte número de imigrantes a partir de 1885, quando foi instalada a Hospedaria de Imigrantes de São Paulo:

de 1885 a 1909	-	1.270.483 imigrantes
de 1910 a 1934	-	1.062.734 imigrantes
de 1935 a 1959	-	488.120 imigrantes. <sup>8</sup>

É natural, portanto, que haja maior número de diretores brasileiros do que diretores com pais brasileiros e maior número destes do que de diretores com avós paternos brasileiros. A Revolução Industrial Brasileira, embora fato recente, teve início há mais de 40 anos, de forma que uma parte dos diretores dirige empresas fundadas por seus pais. Por outro lado, nem sempre o próprio imigrante tem condições para ele próprio chegar à posição de empresário ou de diretor. Ele estabelecerá as bases para que seus filhos e netos a façam.

Ao mesmo tempo em que aumenta a porcentagem de diretores com pais brasileiros (em relação à porcentagem dos diretores com avós brasileiros) aumenta, ainda que não proporcionalmente, também a porcentagem da população do Estado constituída de brasileiros. Em 1940 89,4% da população de São Paulo era constituída de brasileiros. Podemos, assim, dizer que enquanto que 89,4% da população era constituída de brasileiros em 1940, apenas 38,8% dos diretores atuais tem pais brasileiros. Por outro lado, enquanto apenas 10,6% da população de São Paulo em 1940 era constituída de estrangeiros, 61,2% dos atuais diretores tem país estrangeiros. O Quadro VI nos permite ainda comparar o país de nascimento dos diretores com a nacionalidade dos estrangeiros existentes em São Paulo

em 1940. Há, porcentualmente, mais de 7 vezes mais diretores filhos de italianos do que italianos existentes em São Paulo em 1940. Para os alemães essa relação é de 12 vezes, para os portugueses de 2 vezes, para os espanhóis, 2 vezes. Se tomarmos apenas as empresas nacionais, teremos as seguintes relações entre nacionalidade da população de São Paulo e a porcentagem de diretores classificadas de acordo com o país de nascimento de seus pais: brasileiros, aproximadamente duas vezes mais do que diretores filhos de brasileiros (89,4% contra 39,3%); estrangeiros, 6 vezes menos italianos, quase 9 vezes menos; alemães, quase 10 vezes menos; portugueses, mais de 2 vezes menos; espanhóis, quase 3 vezes menos do que diretores filhos de espanhóis. Estes dados revelam a especial habilidade e/ou atração para os negócios revelados pelos descendentes de italianos e alemães.

**Quadro V – País de nascimento dos pais dos diretores**

País de nascimento	Diretores em empresas									
	Mais de 500 empregados		de 250 a 500 empregados		nacionais		estrangeiras		total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Brasil	21	42,0	10	33,3	24	39,3	7	36,8	31	38,8
Itália	11	22,0	7	23,3	16	26,2	2	10,5	18	22,5
Alemanha	3	6,0	2	6,7	3	4,9	2	10,5	5	6,2
Portugal	1	2,0	3	10,0	3	4,9	1	5,3	4	5,0
Estados Unidos	3	6,0	-	-	-	-	3	15,8	3	3,8
Espanha	2	4,0	1	3,3	3	4,9	-	-	3	3,8
Líbano	1	2,0	3	10,0	4	6,6	-	-	4	5,0
Áustria	-	-	3	10,0	3	4,9	-	-	3	3,8
Outros países	8	16,0	1	3,3	5	8,2	4	21,0	9	11,1
Total	50	100,0	30	99,9	61	99,9	19	99,9	80	100,0

Ainda em relação ao Quadro V podemos verificar que em relação à nacionalidade das empresas não houve grande variação entre as empresas nacionais e estrangeiras quanto aos filhos de brasileiros e portugueses, que se dirigiram quase indiferentemente para as empresas nacionais ou estrangeiras. Já os filhos de italianos, espanhóis, libaneses e austríacos revelaram uma nítida preferência pelas empresas nacionais enquanto o inverso se revelava em relação aos norte-americanos e alemães, provenientes que são de países que estão realizando investimentos no Brasil atualmente.

<sup>8</sup> Idem, pg.14.

**Quadro VI – País de nascimento dos pais dos diretores e nacionalidade da população em 1940**

País de Nascimento	Nacionalidade da população do Estado de S.Paulo em 1940(*)		País de Nascimento dos pais dos Diretores	
	Nº	%	Nº	%
Brasil	6.418.325	89,4	31	38,8
Itália	213.091	3,0	18	22,5
Alemanha	33.397	0,5	5	6,2
Portugal	155.251	2,2	4	5,0
Estados Unidos	N.E.	-	3	3,8
Espanha	121.162	1,6	3	3,8
Líbano	N.E.	-	4	5,0
Áustria	N.E.	-	3	3,8
Outros países	239.090	3,3	9	11,1
Total	7.180.316	100,0	80	100,0

(\*) Fonte: IBGE – Censo Demográfico, série Regional, Parte XVII, São Paulo, Tomo I, pg. 98.

N.E. = não especificado

Quanto à variável tamanho, podemos observar que os filhos de italianos, alemães e espanhóis tanto se encontram em empresas grandes como pequenas; que os filhos de brasileiros tendem estar um pouco mais presentes nas empresas maiores; que os filhos de norte-americanos só se encontram em empresas com mais de 500 empregados; e que as filhas de portugueses, libaneses e austríacos se concentram nas empresas menores.

### **País de Nascimento dos Diretores**

O Quadro VII nos apresenta o país de nascimento dos próprios diretores. Conforme já adiantamos, a porcentagem de brasileiros (72,5%) é muito maior do que a de filhos de brasileiros (38,8%) e de netos de brasileiros (20%). Já vimos as causas deste fenômeno. Depois dos brasileiros, os italianos continuam ainda a grupo étnico mais importante, embora sua participação, naturalmente, tenha diminuído muito. Dez por cento dos diretores são nascidos na Itália. Apenas entre as empresas brasileiras temos 11,5% de diretores italianos. Ainda entre as empresas nacionais, em terceiro lugar, depois dos diretores nascidos no Brasil e na Itália, temos os nascidos na Alemanha.

**Quadro VII – País de nascimento dos diretores**

País de nascimento	Diretores em empresas									
	Mais de 500 empregados		de 250 a 500 empregados		nacionais		estrangeiras		total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Brasil	39	78,0	19	63,3	47	77,0	11	57,9	58	72,5
Itália	3	6,0	5	16,7	7	11,5	1	5,2	8	10,0
Alemanha	1	2,0	2	6,7	2	3,3	1	5,2	3	3,8
Portugal	-	-	1	3,3	1	1,6	--	-	1	1,2
Estados Unidos	3	6,0	-	-	-	-	3	15,8	3	3,8
Espanha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Líbano	-	-	1	3,3	1	1,6	-	-	1	1,2
Áustria	-	-	1	3,3	1	1,6	-	-	1	1,2
Outros países	4	8,0	1	3,3	2	3,3	3	15,8	5	6,2
Total	50	100,0	30	99,9	61	99,9	19	99,9	80	99,9

**Quadro VIII – País de nascimento dos diretores e nacionalidade da população em 1955**

País de Nascimento	Nacionalidade da população do Estado de S.Paulo em 1955(*)		País de Nascimento dos Diretores	
	Nº	%	Nº	%
Brasil	9.917.564	91,6	58	72,5
Itália	208.271	1,9	8	10,0
Alemanha	37.458	0,3	3	3,8
Portugal	222.593	2,1	1	1,2
Estados Unidos	8.553	0,1	3	3,8
Espanha	109.264	1,0	-	-
Líbano	11.916	0,1	1	1,2
Áustria	6.901	0,1	1	1,2
Outros países	304.803	2,8	5	6,2
Total	10.827.323	100,0	80	99,9

(\*) Fonte: Delegacia especialidade de Estrangeiros – Estrangeiros registrados em 1955. Cópia datilografada em poder do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, Divisão de Estatística Demográfica.

Entre as empresas estrangeiras, ou seja, entre as empresas controladas por capitais estrangeiros um fato significativo é o de que mesmo nelas os diretores brasileiros constituem maioria (57,9%). Se houvésemos nos limitado apenas aos diretores presidentes ou superintendentes provavelmente essa porcentagem seria consideravelmente menor, já que é fato conhecido que as empresas estrangeiras não costumam entregar as decisões finais a diretores brasileiros. Nessa pesquisa, porém, mostra que entre todos os diretores ativos das empresas estrangeiras os brasileiros já constituem maioria. Em segundo lugar, como já era de se esperar, temas os diretores norte-americanos.

Em relação ao tamanho, observe-se a concentração de diretores norte-americanos nas empresas grandes, enquanto que os nascidos nos demais países (exceto no Brasil e nos países não especificados) encontram-se em geral nas empresas menores.

No Quadro VIII temos a comparação entre a naturalidade dos diretores e a nacionalidade da população do Estado de São Paulo em 1955. Novamente a comparação mais significativa é a entre a naturalidade dos diretores em empresas nacionais e a nacionalidade da população. Temos 77% de diretores brasileiros contra 91,6% de brasileiros na população do Estado; 23% de diretores estrangeiros, contra 8,4% de estrangeiros. O leitor poderá fazer as demais comparações, verificando inclusive, em termos percentuais, quantas vezes mais temos de diretores nascidos em um determinado país em comparação com a percentagem da população de São Paulo nascida naquele país. Os dados tornam-se especialmente significativos quando tomamos apenas as empresas nacionais. Vemos então que a percentagem de diretores brasileiros é um pouca menor (77% contra 91,6%) do que a percentagem de brasileiras na população de São Paulo.

Em nossa amostra não aparecem diretores norte-americanos e espanhóis de empresas nacionais. Para os demais países (exceto os “outros países”) a percentagem de diretores nascidos nesse país é sempre maior do que a percentagem de nacionais desse país na população de São Paulo. A diferença é especialmente grande em relação aos alemães (uma percentagem de diretores alemães de empresas brasileiras 11 vezes maior do que a percentagem de alemães na população de São Paulo) aos italianos (seis vezes mais diretores italianos do que italianos na população), aos libaneses e austríacos ( 16 vezes mais). Estas relações devem ser encaradas com cautela dado a pequeno tamanho da amostra. São, porém, uma indicação a mais da atração e habilidade dos imigrantes alemães, italianos, libaneses e austríacos pelas atividades industriais.